A sustentabilidade do humano – um ensaio¹

Sergio Eduardo Nick², Rio de Janeiro

RESUMO: Este ensaio busca mostrar os riscos ao que pode ser chamado de Humano na Pós-modernidade, mais explicitamente devido aos avanços próprios do Capitalismo Avançado e seus corolários. Para além de demonstrar o impacto numa das estruturas psíquicas tradicionais – a Neurose, o autor traz o pensamento de vários psicanalistas que abordaram a questão desde diferentes vértices, para descrever as patologias contemporâneas que aportam à clínica psicanalítica atual. Como uma tentativa de resposta ao problema, este texto aborda a contribuição que o psicanalista pode dar à questão da sustentabilidade do humano, mais particularmente na sua abordagem clínica dos pacientes.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise; pós-modernidade; clínica; psicopatologia.

*“Quem há neste largo mundo que me confesse
que uma vez foi vil?”*

*Ó príncipes, meus irmãos, Arre, estou farto de semi-deuses!
Onde é que há gente no mundo?”*

Fernando Pessoa³

1. Artigo originalmente publicado no livro Pereira, T. S.; Oliveira, G. (org.). *Cuidado e responsabilidade*. São Paulo: Atlas, p. 326-336. 2011.

2. Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, ex-vice-presidente da IPA.

3. Pessoa, F. *Obra poética de Fernando Pessoa*, 1a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Penso com esse artigo alinhar algumas ideias sobre uma questão que muitas vezes passa ao largo da Sustentabilidade, tão largamente discutida nos dias de hoje: como podemos cuidar para que todo o desenvolvimento a que até agora chegamos não destrua aquilo que carregamos no nosso mais íntimo, que é a humanidade própria de nossa constituição psicoemocional?

Não penso aqui carregar nas tintas contra a pós-modernidade, nem tampouco naquilo que muitos denominam de exageros da ciência e de suas aquisições. Acredito que evoluímos muito, tanto em termos científicos como no sentido da busca de uma melhor qualidade de vida em nosso planeta Terra. Embora saibamos dos graves riscos que incorremos de destruir o meio ambiente, penso que existem avanços que melhoraram em muito o sofrimento humano, além de nos permitir formar uma nova geração ciente dos riscos e da necessidade de desenvolver uma gestão sustentável de nosso planeta Terra.

Acredito que devo acentuar neste texto a presença de inúmeras formas de impedimento à livre expressão da nossa humanidade, aqui entendida como a expressão de nossas emoções, sentimentos, e tudo aquilo que emana de nossa intimidade.

Seja falando de alma, seja do sujeito inconsciente que nos habita, creio que vivemos um tempo onde o sujeito se vê muitas vezes estrangulado pela incapacidade de pensar, sentir, e se encontrar verdadeiramente com outros. Penso aqui nos encontros onde nos desnudamos perante o outro, num clima de confiança, intimidade e empatia.

Mas, voltando à busca de uma maior compreensão do mundo que hoje nos cerca: a pressa típica dos tempos ditos pós-modernos acentua em muito o risco de ficarmos mais à mercê de obrigações profissionais, demandas tecnológicas, e no atendimento às necessidades básicas do que seria possível sem ‘matar’ o sujeito humano que luta para se expressar.

Talvez uma das muitas questões que poderíamos citar aqui é a necessidade de estar *up to date* com um mundo onde a comunicação é tão rápida e absorvente, que muitos se veem subjugados pela busca de estarem “plugged” num mundo de informações e contatos efêmeros. É como se o dia

que devêssemos viver não coubesse nas 24 horas do relógio, deixando-nos com a angústia de que sempre falta algo: falta tempo, falta espaço para nossos desejos, falta conhecimento e informação, e nessa ciranda de faltas nos encaminhamos a buscar sofregamente algo que mitigue a dor e a angústia que permeia nosso viver. E é nessa sofreguidão que as relações humanas perdem terreno, estrangulando o pleno viver emocional necessário ao pleno desenvolvimento de uma vida mental mais saudável.

Nesse sentido, cabe destacar que precisamos fomentar a ideia do Cuidado como necessária ao bom viver humano num momento em que proliferam óbices à possibilidade de se cuidar do outro.

Dentro do vértice psicanalítico, não faltam autores que destacam a importância do cuidado emocional para o bom desenvolvimento emocional em todas as fases da vida. Desde Freud, ao enunciar em sua (considerada) Primeira Tópica que a Assistência Alheia é o que permite o desenvolvimento da mente como ele a entendia, até autores como Winnicott e Ogden, que elaboraram complexas teorias psicanalíticas para demonstrar como o cuidado ao outro permite que emerja um pleno ser humano, mais apto para pensar e se relacionar com os outros, num clima de segurança e criatividade.

A ciência que estuda o Estresse, considerado o Mal do Século XXI, nos informa que sete em cada dez brasileiros sofrem desse mal no trabalho. E já temos enunciadas algumas desordens decorrentes dessa má adaptação ao Mundo Moderno. Temos desde a já bastante conhecida Síndrome do Pânico, até a Síndrome de *Burnout*, que acomete cerca de 30% dos trabalhadores brasileiros. Ambas levam a pessoa a um esgotamento intenso, perda de autoestima, angústias intensas, perda de rendimento no trabalho, dificuldades de relacionamento, dentre outras consequências. Embora o número de horas semanais trabalhadas estar limitada a 44 horas, muitos trabalhadores tendem a aumentar esse número em 20 a 30%. A vida social e familiar fica comprometida, ainda mais se admitirmos o tempo gasto em outras atividades, como exercícios físicos, trabalho doméstico, trânsito, etc.

Sabemos que a resposta fisiológica ao estresse deve ser autolimitada, devendo, portanto, durar pouco. Quando o sujeito se vê acometido por um excesso de estresse, várias consequências daí advêm, como as patologias da ansiedade tão comuns nos dias de hoje, com sintomas como insônia, perda do apetite, diminuição da libido, alterações dos ritmos vitais, desordens psicossomáticas, etc. Várias doenças orgânicas são também associadas ao estresse, incluindo-se aí o câncer, as doenças do coração, a obesidade, as doenças autoimunes, dentre outras. São todos exemplos de como o ser humano se vê acossado por uma realidade que lhe exige a ultrapassagem de seus limites, causando desequilíbrios tais que nos permite inferir que muito do humano é afetado em sua essência.

A OMS⁴ define a saúde mental como “o estado de bem-estar no qual o indivíduo realiza as suas capacidades, pode fazer face ao *stress* normal da vida, trabalhar de forma produtiva e frutífera e contribuir para a comunidade em que se insere”.

A plena capacidade de prover cuidado ao outro depende criticamente desse estado de saúde mental aludido acima. Vou tentar nesse ensaio mostrar algumas facetas do viver atual que andam na contramão dessa possibilidade, e como a Psicanálise busca dialogar com a pessoa em busca de ajuda no resgate de sua humanidade perdida.

Pode a Contemporaneidade influir na construção do Humano?

Mesmo que de forma resumida, eu proporia tentarmos descrever algo do que seja esse contemporâneo que nos assola e surpreende.

Se pensarmos no pós-modernismo como Kaplan o vê, ele seria “radicalmente transformador do sujeito, através de sua extinção da cultura”. Nele, “o interno já não se separa do externo; o espaço privado não pode se opor ao público; a alta cultura ou de vanguarda já não contrasta marcadamente com a cultura popular consumista. As tecnologias, as técnicas de venda e o consumo criaram um novo universo unidimensional do qual

4. N. E.: Organização Mundial da Saúde.

não há saída e em cujo interior não é possível nenhuma postura crítica. Não existe um “fora”, não há um espaço de onde montar uma visão crítica. Habitamos, segundo essa colocação, um mundo em que a tela da televisão se tornou a única realidade, onde o corpo humano e a máquina televisiva são praticamente indistinguíveis”.

Vivemos uma nova dimensão do espaço e do tempo que nos atordoa e nos provoca uma série de efeitos que mal nos damos conta.

Harvey faz uma extensa análise das “inúmeras consequências da aceleração generalizada dos “tempos de giro do capital”, destacando as que têm influência particular nas maneiras pós-modernas de pensar, de sentir e de agir”. Dentre essas consequências, destaco a da “volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, ideias e ideologias, e os valores e práticas estabelecidas”, dando a sensação de que “tudo o que é sólido se desmancha no ar”.

Jameson relaciona o “alarmante ponto de desarticulação entre o corpo e seu meio ambiente construído” ... com “o dilema ainda mais agudo que é a incapacidade da nossa mente, pelo menos na atualidade, de mapear a grande rede global multinacional e descentralizada de comunicações em que nos vemos apanhados como sujeitos individuais”. A análise de Jameson se centra no “desaparecimento do sentimento da história, isto é, o modo como o nosso sistema social contemporâneo começou, pouco a pouco, a perder a sua capacidade de reter o seu próprio passado, começou a viver num presente perpétuo e numa perpétua mudança que oblitera o tipo de tradições que todas as formações sociais anteriores, de um modo ou de outro, tiveram que preservar”. Nunca é demais lembrar que esse estado de coisas anda na contramão do ofício psicanalítico e de todas as formas de cuidado.

Face ao exposto até agora, presumo que fica claro que não é por acaso que a dificuldade de viver a intimidade e a expressão das emoções nos dias de hoje são um resumo dessa grande mudança na cultura e na sociedade que busco descrever aqui.

Podemos extrair dessa análise uma profunda compreensão das

subjetividades contemporâneas, pois não é outra a percepção que geralmente extraímos de nossos semelhantes e de nós mesmos nos dias atuais. Quem não se sente perdido em meio às inúmeras inovações tecnológicas? Qual aquele que não se viu às voltas com necessidades de consumo que no fundo não lhe concernem? Ou a percepção de estar vivendo num eterno presente, com um borramento do passado e do futuro? Quem não se lembra do apelo a viver intensamente, a “sentir a adrenalina” correndo nas veias? Ou mesmo a dificuldade de sentir-se alguém num mundo cada vez mais pasteurizado?

A perplexidade ante o não lembrar nomes e coisas, ou a dificuldade de localização num espaço que deveria ser simples de se mapear, são outros exemplos desse impacto do contemporâneo em nosso psiquismo.

Dufour se mostra radical na questão da construção da subjetividade humana. Para ele,

“A grande novidade seria a redução dos espíritos. Como se o pleno desenvolvimento da razão instrumental (a técnica), permitido pelo capitalismo, se consolidasse por um déficit da razão pura (a faculdade de julgar a priori quanto ao que é verdadeiro ou falso, inclusive bem ou mal). É muito precisamente esse traço que nos parece propriamente caracterizar a virada dita “pós-moderna”: o momento em que uma parte da inteligência do capitalismo se pôs a serviço da “redução das cabeças”.

Dufour postula assim a hipótese de que “assistimos [hoje] à destruição do duplo sujeito da modernidade, o sujeito crítico (kantiano) e o sujeito neurótico (freudiano)... E vemos se instalar um novo sujeito, pós-moderno”.

Como diz Marcel Gauchet, doravante estamos lidando com “atores que rigorosamente se querem desligados e sem nada acima deles que impeça a maximização de seus empreendimentos”.

Postulando uma “dessimbolização do mundo”, Dufour diz que:

“Os homens não devem mais entrar em acordo com os valores simbólicos transcendentais, simplesmente devem se dobrar ao jogo da circulação infinita e expandida da mercadoria”.

Não é difícil imaginar a repercussão desse estado de coisas nos relacionamentos humanos. O outro, como mercadoria, torna as relações desprovidas de seu conteúdo humanístico, ensejando cada vez mais uma subjetividade que busca se descolar do sentimento e da transcendência.

Dufour pensa que o utilitarismo atual “preconiza muito mais a busca da felicidade individual do que a busca da felicidade da maioria”; assim como “reduz e circunscreve a felicidade individual à dimensão exclusiva da apropriação do objeto de mercado”. Não é à toa que assistimos uma crescente dessubjetivação do sujeito. No plano sexual e dos relacionamentos amorosos, vemos uma crescente mercadologização do sexo e ao desmanche da família.

Sabemos das inúmeras alterações ocorridas no conceito e na estruturação da família, ocorrida no último século. Entramos no século XXI tendo que encontrar novas formas de lidar com os problemas gerados no seio dessas novas famílias.

Senão vejamos: vivemos uma era em que o tempo é escasso, os níveis de afetividade no seio da família sofrem constrangimentos vários (divórcios, famílias ampliadas, redução do número de filhos), a triplíce jornada da mulher e do homem reduz enormemente sua disponibilidade para cuidar da prole, redundando numa família onde as relações de parentesco se complexizaram bastante.

Clifford (1998) nos oferece uma bela demonstração da armadilha contida no novo paradigma da subjetividade. Ao classificar esta subjetividade como “etnográfica”, ele demonstra a dupla consciência que o sujeito tem de que sua identidade é referida à cultura, cultura esta que seria aprendida e, portanto, mutável. Ora, a armadilha aí seria justamente que a consciência da arbitrariedade da cultura e, portanto, a sua mutabilidade, a “incapacitaria para o papel de referência para a construção da identidade”,

problema que se agiganta diante da avassaladora corrente de informações e de manifestações culturais comuns à nossa época. Esta percepção seria suporte para a construção dessas identidades fluidas tão comuns em nosso tempo e exemplificadas magistralmente pelo personagem Zelig do filme de Woody Allen.

Castel (1995), por seu lado, postula que o núcleo da questão social hoje é a superfluidade. Ele diz que “vivemos num sistema onde a maioria das pessoas está numa condição de vulnerabilidade que conjuga precariedade do trabalho e fragilidade dos suportes de proximidade, sejam familiares ou comunitários”. Ele considera que o “sistema atual reserva para um número cada vez maior de pessoas o papel de supérfluos”, ...num “processo que o autor chamou de desafiliação”.

Maria Teresa Pinheiro questiona “se a sublimação...não foi substituída, na sociedade de consumo, pela idealização; se não foram trocadas as ideias por coisas, o abstrato pelo concreto, o ideal pela imagem sem consistência. Assim, as noções de tempo e de constituição do sujeito, são tecidas de outra forma. O vácuo de ideais sociais e políticos, dos investimentos comuns entre os homens, deu lugar ao “ter” e ao “fazer” imediatos. É neste vácuo ... que o fanatismo religioso parece ter restado como único reduto para uma tentativa de sublimação”. Ela pensa os pacientes de hoje como mais parecidos com as “descrições dos ditos casos-limites, personalidades narcísicas, falso-self, somatizadores e drogados”. Ao invocar a mudança ocorrida nos pacientes de hoje, ela questiona como trabalhar com pessoas que não lembram de seus sonhos, não fazem lapsos, e não fantasiam. Seu enfoque é o de que

“eles parecem existir sem apresentarem qualquer formação do inconsciente. Questionam-se sobre o sentir, sobre o que são os sentimentos, como se só os outros é que tivessem sentimentos. Espreitam o olhar do outro como sendo necessário para provar a própria existência. O corpo precisa de um espelho, de um duplo, de malhar até doer para ganhar existência, e estabelecem relações

bizarras com a imagem corporal dando lugar às bulimias que nunca foram tão frequentes, ou às anorexias e obesidades, (estas) muitas vezes mais imaginárias do que de fato”.

Essa mesma relação bizarra com a própria imagem corporal dá lugar à imensa proliferação de tatuagens, piercings e outros penduricalhos que são justificados da forma mais vazia e esdrúxula possível. Pudera! As verdadeiras razões não são explicitadas porque demandariam um pensar crítico que de todo modo se busca alienar.

Já a Dra. Edna Pereira Vilete nos brinda com uma aguda percepção dos pacientes psicanalíticos atuais, considerando

“o tipo predominante de paciente que hoje procura nossos consultórios, pessoas que não mais apresentam sintomas psiconeuróticos definidos como antes, mas queixas vagas e difusas – uma impossibilidade de sentir, um vazio na existência, um desconhecimento de si mesmo, um empobrecimento nas relações afetivas, e que tentam compensar com uma avidez de ganhos, de bens de consumo, de sexualidade promíscua ou uso de drogas. Outros, rompida a redoma frágil e fria, onde se encerraram e se protegeram, se sentem diluir e esparramar em medo e angústia insuportáveis que não conseguem definir, e que tentam conter em reações somáticas de maior ou menor gravidade”.

Ela afirma que o menor investimento afetivo das mães em seus bebês, a falta de avós disponíveis ou de babás permanentes que funcionassem como mães substitutas, e o advento de creches trouxeram, muitas vezes cedo demais para uma criança, uma experiência de separação e solidão que se estenderá pela vida a fora. À mercê de relações distantes e provisórias, em lares com frequência instáveis, a criança se tornará um adulto que aspira ao desapego e exhibe uma pseudo-autonomia e independência

afetiva”.

Bezerra diz que “o mundo que compartilhamos com nossos contemporâneos tem sofrido mudanças drásticas, inesperadas em seus efeitos sobre as subjetividades, e é isso que estamos vendo no dia a dia da clínica e do social.... A psicanálise defronta-se com a estranheza de novos modos de subjetivação, novas modalidades de construção identitária, novos caminhos do desejo, e modalidades de sofrimento decorrentes dessas trajetórias”.

Hoje tudo é muito rápido e fugaz. O tempo de pensar, de sentir, e de relacionar-se foi terrivelmente comprimido. Mormente encontramos relações humanas fugazes, superficiais, e um *eumesmismo* crescente, tipo “salve-se quem puder”. Disso decorre a dificuldade de articular os vários fragmentos do eu, uma vez que a própria relação mãe-bebê, matriz dessa articulação, sofre constrangimentos diversos. A um espaço psíquico fragmentado, corresponde um espaço social também fragmentado, permitindo assim que a pessoa possa encenar seus vários aspectos do eu, seja através do parecer ser, seja através de disfarces como aqueles utilizados nas salas de Chat na internet – variações sobre o mesmo tema no baile de máscaras em que vivemos.

Novas subjetividades, novas famílias, novas formas de amar?

Podemos com facilidade vislumbrar que toda essa nova forma de estar no mundo, característica do capitalismo avançado, vai alterar profundamente a vivência intrafamiliar e o desenvolvimento de novos indivíduos. Já enumeramos alguns dos efeitos da contemporaneidade sobre a família e gostaríamos de enfatizar a radical diferença do cuidado aos filhos próprio do limiar do século XXI. Uma das consequências dessa nova forma de cuidar dos filhos pode ser vislumbrada na construção da sexualidade, hoje profundamente influenciada por todos os fatores citados.

Pode-se especular que as dificuldades de se estabelecer relacionamentos mais profundos e estáveis com os bebês, redundando naquilo que

Tirelli denominou de “desordens na função de receber”, vá atingir diretamente a maneira de se desenvolver a sexualidade. A hipótese que levanto aqui é de que o não desenvolvimento da “Função de Receber”, que se dá primariamente no relacionamento com o objeto primário, determina um comportamento específico que culmina na sexualidade contemporânea. A anorexia, por exemplo, é uma patologia dramática que põe em sério risco a vida de adolescentes.

Tirelli postula que uma falha no relacionamento precoce do bebê com o objeto primário nutridor irá provocar intensos e persistentes sentimentos dolorosos durante todo o primeiro ano de vida, sendo esse estado exacerbado pela falha na compreensão e continência materna a esses sentimentos. Com isso, o bebê sofre uma falha na integração de sentimentos que provém de seu próprio corpo e do corpo e da mente de sua mãe (ou objeto cuidador). Com isso, fica difícil para esse ser em desenvolvimento criar em sua mente a ideia de um par... um casal, primeiro com o objeto materno, depois com o paterno. Isso, em consequência, irá impedir a construção do casal parental como um par sexual, o que afetarà mais tarde a integração da estrutura edípica.

Na impossibilidade de aceder à possibilidade de receber, um dos sintomas possíveis são, obviamente, as desordens alimentares, com sua profunda destruição da vida desde o interior do próprio sujeito, uma vez que exposto às pulsões tanáticas sem qualquer mediação. Na latência, esse comportamento pode ser descrito como diligente (a pessoa age ou trabalha duro e com extremo cuidado) e adere passivamente às regras e/ou instruções, em conjunto com uma negação de sentimentos, rivalidade e confrontação. Na adolescência, esse comportamento sofre uma transformação onde a doença se revela: as regras e os ritmos relacionados à alimentação são quebrados, o que causa, em consequência, muito alarme e surpresa aos que convivem com o/a adolescente. De posse de um corpo danado, como é possível amar?

No plano sexual, desordens como a frigidez e o uso do corpo como mero agente de uma relação sexual performática vão nos dar testemunho dessa falta de conexão mente – corpo. A um corpo simbolizado corresponde

um corpo pulsante e sensível, capaz de receber estímulos e descarregá-los adequadamente. O que está sendo fomentado hoje é outra coisa: um corpo abandonado à própria sorte, mero amontoado de carne sujeito a descargas sem nome.

No que se refere à sexualidade, temos muito clara a percepção desta estar muito voltada para a atuação, onde o gozo maior vai ser experimentado posteriormente à relação sexual: é na construção de imagens daquela relação que o sujeito contemporâneo goza, seja contando suas façanhas, seja se vendo admirado pelo/a parceiro/a. Aqui, tudo o que foi descrito anteriormente sobre as dificuldades de experimentar sentimentos se mostra particularmente dramático, pois o orgasmo depende visceralmente da entrega ao outro, do partilhar sentimentos, do verdadeiro encontro, e da capacidade de se conectar com as sensações corpóreas. A saída encontrada é a busca de intensificação das sensações, onde o outro serve como um suporte corporal para a necessidade de experimentar essas intensidades próprias do contemporâneo. O adolescente que fica com um punhado de garotas numa noite, por exemplo, busca muito mais a possibilidade de ser visto como potente do que experimentar esse reconhecimento na parceira e na sua relação com ela; ao se inflar narcisicamente, ele nega a si e ao outro a possibilidade de um verdadeiro encontro.

Uma das formas de se perceber isso na cultura hoje é a imensa propagação das tatuagens que falam do amor que um sente pelo outro. É como se não bastasse amar, sentir o amor dentro, na intimidade do ser. É preciso torná-lo público. E isso se faz hoje através não do dizer, mas do mostrar. É como se o dizer não fosse suficiente para falar das intensidades sentidas pelo amante. Assim, a cultura imagética do nosso tempo abole a palavra para colocar uma imagem em seu lugar. A relação sexual, no que contém de espaço íntimo, a dois, passa a pôr em xeque esses mecanismos: das duas uma, ou o adolescente consegue essa integração necessária para a vida a dois, ou vai em busca de algo que transcenda a relação sexual. Daí decorrem as variadas expressões da sexualidade contemporânea: a bissexualidade, as performances sexuais para posterior divulgação, a constante

troca de parceiro etc.

Mas se descrevemos aqui uma tendência, não podemos deixar de chamar a atenção para o fato de que todas as outras formas de subjetivação, e, portanto, de relacionamento sexual, continuam presentes. Tendo mesmo a achar que muitos daqueles que procuram a psicanálise hoje, muitas vezes aspiram ao amor romântico – ideal moderno que segue tendo seu prestígio!

A nós, psicanalistas, só resta entender toda essa transfiguração e buscar dar aos que sofrem para se adaptar a essa nova ordem, um acolhimento que permita a construção de uma mente capaz de abrigar minimamente a torrente de emoções, pensamentos e fantasias próprios do ser humano.

Um profissional acolhedor já dá uma continência a esse sujeito desafiado, permitindo que ele possa encontrar uma segunda pele, que lhe restitua o sentimento de ilusão da unidade perdida. É aqui que reside o momento propício para o nascimento de uma emoção, um pensamento, um gesto, que precisaríamos permitir expressar-se, poder atualizar-se e tomar forma de linguagem no que alguém pode ouvir e falar para si mesmo. Desse modo o psicanalista facilita alguém a arriscar uma travessia, não sem angústia e medo, uma separação do que imaginava de si mesmo até então.

Não se trata, aqui, de dar unidade ao sujeito; pois ele é, como nos ensinou Freud, irremediavelmente fragmentado. Trata-se de algo que só ocorre no terreno da ilusão, naquele espaço transicional descrito por Winnicott, que permite ao sujeito criar algo que não é nem dele nem do outro, algo que lhe permita superar a nostalgia do ‘dois-em-um’ materno. Ao vislumbrar a possibilidade de o paciente suportar uma separação do que sabia ser, imaginava ser ou poder até então, o psicanalista precisa estar o mais sensível e receptivo possível aos sinais, às vezes bem fracos, que alguém emite; ousando não premeditar qualquer direção ou curso, dando um lugar àquele que vem vindo, familiar ou estrangeiro. Um psicanalista em sua clínica sabe que há outros acessos à verdade, além da razão. Nestes momentos, o paciente para um psicanalista assemelha-se ao artista, que é dependente da probabilidade de que alguém venha ouvi-lo ou vir a se

transformar em um receptor daquilo que nele se produz.

O trabalho analítico atinge a sua finalidade quando o sujeito pode operar uma nova diversificação de seus investimentos, diversificação compatível com a escolha de objetos e qualidades, fontes de um prazer que já não lhe impõe o desconhecimento, a fuga e a negação de tal ou qual exigência da realidade.

Mas não haverá razão para uma psicanálise enquanto estas consequências não são evidentes para quem as vive; enquanto, sobretudo, não se tornam fonte de conflito para o Eu, causa de uma diminuição de prazer, um encolhimento nos interesses, uma submissão a regimes no trato de si cujo prolongamento poderia levá-lo a julgar impossível continuar vivendo de tal modo. Psicanaliticamente falando, trata-se de postularmos uma releitura dos sintomas, das inibições, do medo e da angústia vividos por alguém, com vistas a permitir a eclosão do Inconsciente e novas formas de subjetivação.

Se a postura social contemporânea o empurra em outra direção, cabe acentuar de novo a importância de todas as tentativas de reabilitar o Humano que vive em cada um de nós.

HUMAN SUSTAINABILITY – AN ESSAY

ABSTRACT: This essay seeks to show the risks to what can be called Human in Postmodernity, more explicitly due to the advances of Advanced Capitalism and its corollaries. In addition to demonstrating the impact on one of the traditional psychic structures - Neurosis, the author presents the thoughts of several psychoanalysts who have approached the issue from different vertices to describe the contemporary pathologies that present itself to the current psychoanalytic clinic. As an attempt to answer the problem, this text addresses the contribution that the psychoanalyst can make to the issue of human sustainability, more particularly in his clinical approach to patients.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Post-modernism; Clinic; Psychopathology.

SOSTENIBILIDAD HUMANA: UN ENSAYO

RESUMEN: Este ensayo busca mostrar los riesgos de lo que puede llamarse Humano en la Posmodernidad, más explícitamente por los avances del Capitalismo Avanzado y sus corolarios. Además de demostrar el impacto sobre una de las estructuras psíquicas tradicionales - la Neurosis, el autor trae el pensamiento de varios psicoanalistas que han abordado el tema desde diferentes vértices para describir las patologías contemporáneas

que contribuyen a la clínica psicoanalítica actual. Como un intento de responder al problema, este texto aborda la contribución que el psicoanalista puede hacer a la cuestión de la sostenibilidad humana, más particularmente en su abordaje clínico de los pacientes.
DESCRIPTORES: Psicoanálisis; Pós Modernidad; Clínica; Psicopatología.

REFERÊNCIAS:

- Abadi, S. *A subjetividade ameaçada: um desafio para a psicanálise*. Psicanálise - Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, v.5, n.2, p.513-527, 2003.
- Ahumada, J. L. *O inconsciente na pós-modernidade: as tensões epistêmicas*. Revista de Psicanálise da Sociedade Psicoanalítica de Porto Alegre, v.10, n.3, p.495-507, 2003.
- Aulagnier, P. *O direito ao segredo: condição para poder pensar*. Revista Brasileira de Psicanálise, v.14, n.2, p.235-256, 1980.
- Bezerra Júnior, B. *A clínica do sujeito contemporâneo*. Cadernos de Psicanálise, CPRJ, Rio de Janeiro, ano 19, p. 5-9, 1997.
- Bick, E. *The experience of the skin in early object relations*, Int.J.PsychoAnal., 49:484-6, 1968.
- Birman, J. *Excesso e ruptura de sentido na subjetividade hipermoderna*. Cadernos de Psicanálise (CPRJ), v.26, n.17, p.175-195, 2004.
- Birman, J. *A psicopatologia na pós-modernidade*. As alquimias no mal-estar da atualidade. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 2, n. 1, p.35-49, 1999.
- Birman, J. *Subjetividade, tempo e psicanálise*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v.3, n.4, p.11-30, 2000.
- Birman, J. *Subjetividades contemporâneas*. Psyche, v.5, n.7, p.151-159, 2001.
- Birman, J. *O sujeito na diferença e o poder impossível*. Revista de Psicanálise do Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.9-24, 1991.
- Cahn, R. *O adolescente na psicanálise – A Aventura da Subjetivação*, Rio de Janeiro, Ed. Companhia de Freud, 1999.
- Carneiro, M. I. N. E. – “Sobre as razões para uma psicanálise de sessões frequentes”, In ABP Notícias, pg. 12, ano X, n. 30, RJ, agosto de 2006.
- Castel, R. *Les Métamorphoses de la Question Sociale*, Paris, Fayard, 1995.
- Clifford, J. *A experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- Dufour, D. *A arte de reduzir as cabeças*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- Eizirik, C. *Sexualidade e pós-modernidade*. Revista de Psicanálise da Sociedade Psicoanalítica de Porto Alegre, v.11, n.1, p.87-96, 2004.
- Freud, S. (1923). O ego e o id, In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud, vol XIV, Imago, Rio de Janeiro, 1974.
- _____ (1915). O inconsciente, In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud, vol XIX, Imago, Rio de Janeiro, 1974.
- Gauchet, M. *A dívida do sentido e as raízes do Estado*. In: CLASTRES, P. et alii. *Guerra religião e poder*. Lisboa: Ed. 70. 1980.
- Harvey, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo, Ed. Loyola, 2003, 12ª ed.
- Jacobson, E. – *Depressão – Estudos comparativos de condições normais, neuróticas e*

psicóticas, Interlivros, Belo Horizonte, 1981.

Jameson, F. *Pós-Modernismo – A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*, Editora Ática, São Paulo, 2007.

Kaplan, E. A. *O Mal Estar no Pós Modernismo*, Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1993.

Nick, S. E. *Poder, sofrimento psíquico e contemporaneidade*. Trabalho apresentado no XX Congresso Brasileiro de Psicanálise, Brasília, 2005.

Ogden, T. H. *Sujeitos da Psicanálise*, Casa do Psicólogo, São Paulo, 1996.

Pinheiro, T. *Escuta psicanalítica e novas demandas clínicas: sobre a melancolia na contemporaneidade*. *Psyche*, v.6, n.9, p.167-176, 2002.

Tustin, F. *Autismo e psicose infantil*, Imago, RJ, 1975.

Winnicott, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. Trad. de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

O ambiente e os processos de maturação. Trad. de Irineu Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

sergionick22@gmail.com